

Editorial

Há algo em comum em nosso cotidiano, algo que aproxima a forma como vivemos e nos relacionamos nestes novos tempos. E essas transformações estão associadas ao advento de novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC), que, enquanto mediações sociais que são, rompem com noções e percepções clássicas de tempo e de espaço. Viram o mundo literalmente de “cabeça para baixo” e nos colocam frente a problemas e desafios cada vez mais complexos, que estão a exigir novas formas de enfrentamento com vistas a tentar solucioná-los ou ao menos minimizar os seus impactos.

Não temos mais distâncias que nos afastem uns dos outros, tampouco tempo, pois, no mundo do trabalho e da vida em sociedade como um todo, temos a nítida sensação de que algo está ainda por fazer, uma tarefa, uma leitura, um aprimoramento pessoal qualquer, um cuidado maior com o corpo e com a saúde, um novo tratamento, um novo protocolo. Na verdade, parece mesmo que 24 horas por dia não são e não serão suficientes, pois tudo tem de ser para agora, em tempo real, ao ritmo do Twitter, do WhatsApp e do Facebook e com a solução e a resposta na ponta dos dedos. Lidar com a velocidade do nosso tempo e com esse novo e exíguo “prazo de validade” que é colocado a todos num mundo em constante transformação é uma necessidade percebida por todos. E ninguém poderá nos ensinar realmente como fazer. Estamos cada vez mais entregues a nós mesmos, a nossas capacidades e incapacidades. Somos levados obrigatoriamente a nos tornarmos autônomos.

Também a nova visibilidade que está associada a este tempo e às novas mediações sociais (novas mídias) impõe outros desafios relacionados, por exemplo a forma como disseminamos a nossa imagem pessoal e construímos, na relação com os outros, a nossa própria identidade. Ou seja, a forma como nos vemos e como somos vistos por nossos pares. É muito tênue hoje a linha que separa o público e o privado.

Velocidade, visibilidade e compartilhamento são dimensões associadas ao que alguns autores das Ciências Sociais denominam de Sociedade Líquida-Moderna (Zygmunt Bauman); Sociedade em Rede Dinâmica (Manuel Castells), Sociedade e Paradigma da Complexidade (Edgar Morin), e ainda, Cibercultura (Pierre Lévy) e Geração Digital (Don Tapscott). Todos, de alguma forma, se debruçam a estudar as sociedades contemporâneas a partir do impacto dessas novas tecnologias, pois a forma como nos comunicamos e como as informações circulam foram sempre e sempre serão centrais para entendermos a experiência humana na terra desde a Pré-História.

Nessa perspectiva, em um tempo de transição de uma sociedade de base industrial para uma sociedade do conhecimento e da informação, crise é a palavra do momento. Crise na família, na infância, crise de identidade, crise na política, crise nos valores, crise na economia e, claro, crise na educação e na formação demandada pelo campo acadêmico, que está a exigir novas habilidades, novas atitudes e novas competências. Competências cuja instauração é medida e avaliada pela capacidade de resolver problemas, de lidar com novas situações-problema que se colocam a cada dia e cuja solução anterior não é garantia

de sucesso futuro. Pois, nas palavras de Bauman (2008), “[...] *na sociedade líquido-moderna em um piscar de olhos nossos ativos se tornam passivos e nossas capacidades se tornam incapacidades*”.

Por isso tanto ouvimos falar em formação permanente, formação continuada, aprender a aprender e, nesse sentido, a formação acadêmica em todos os níveis também demanda mudanças e transformações, pois não se resume mais apenas ao conhecimento teórico. Mudaram as formas como nos relacionamos com o conhecimento, pois 90% do conhecimento produzido está digitalizado e ao alcance, se não de todos, de boa parcela da população mundial (Castells, 2018). Claro, aqui me refiro a conhecimento e não à informação, pois é o conhecimento científico e a formação acadêmica que nos permitem lidar com essa avalanche de informações e saber minimamente separar o joio do trigo. Pois, à mesma medida que as novas tecnologias nos possibilitam maior autonomia e acesso ao conhecimento, empoderando os indivíduos como nunca antes registrado, também dão voz a “idiotas” mal preparados e malformados que, a exemplo de nós, professores e pesquisadores, também formam opinião e influenciam a produção da cultura que nos constrói.

A universidade, casa por excelência do saber, tem muito a contribuir para que possamos escapar do risco da disseminação do senso comum com o *status* de ciência, o que, segundo o epistemólogo francês Gaston Bachelard, constitui-se no principal obstáculo epistemológico a ser superado pelo senso científico, pois, nas palavras desse pensador, o senso científico constrói-se contra o senso comum. Esse é nosso papel e nosso *métier*: instrumentalizar os alunos e a sociedade como um todo para lidar melhor com os desafios e as possibilidades destes novos *tempos líquidos* e, quem sabe até, para um exercício mais pleno da cidadania, através de uma postura crítica, solidária e responsável pelos *bens comuns*.

Editorial

There is something in common in our daily lives, something that brings us closer and we relate new times. And these transformations are associated with the advent of new information and communication technologies (NICT), while social mediations that are, break with classic notions and perceptions of time and space. They have literally seen the world upside down and put us ahead of a challenge and are becoming increasingly complex and subject to new forms of coping, with a view to solving them at least to minimize their impacts.

We no longer have the ones that move us away from others and neither time, because the world of work and life as a whole, we have a feeling that something is yet to be done, a task, a reading, a personal improvement either, a greater care with body and health, a new treatment, a new protocol. In fact, it seems like it's 24 hours a day and that's not enough, because everything has to be done now, in real time, at the pace of Twitter, making WhatsApp and making Facebook with a solution and a fingertip answer. Dealing with the speed of our time and the new and exposing "expiration date" that is done in a constantly changing world is a perception perceived by all. And nobody really will learn us as to do, we are increasingly present in ourselves, our abilities and disabilities. We are obligated to become autonomous.

Also the new visibility that is associated with this time and the new social mediations (new media) imposes other challenges, for example, the way we disseminate our personal image and build, in relationship with others, our own identity. That is, the way how we see ourselves and how we are viewed by our peers. The line between public and private is very thin today.

Speed, visibility, and sharing are dimensions associated with what some social science authors call the Liquid-Modern Society (Zygmunt Bauman); Dynamic Network Society (Manuel Castells), Society and Paradigm of Complexity (Edgar Morin), or Cyberculture (Pierre Lévy) and Digital Generation (Don Tapscott). Everyone somehow studies at contemporary societies from the impact of these new technologies, because the way we communicate and the way information circulates has always and always will be central to understand human experience on earth since prehistory.

In this perspective, in a time of transition from an industrially based society to a knowledge and information society, crisis is the word of the moment. Family crisis, childhood crisis, identity crisis, political crisis, crisis in values, crisis in the economy and, of course, crisis in education and training demanded by the academic field, which is demanding new skills, new attitudes and new competences. Competences whose establishment is measured and evaluated by their ability to solve problems, to deal with new problem situations that arise every day and whose previous solution is no guarantee of future success. For, in Bauman's (2008) words, "in liquid-modern society at a glance

our assets become passive and our capacities incapacities and learning from experience is hardly recommended”.

That’s why we hear so much about permanent formation, continuing education, learning to learn and in this sense, academic education at all levels also demands changes and transformations, as it is no longer just theoretical knowledge. The ways in which we relate to knowledge have changed because 90% of the knowledge produced is digitized and within reach, if not all, of a good portion of the world’s population (Castells, 2018). Of course, here I mean knowledge, not information, because it is scientific knowledge and academic background that allow us to deal with this flood of information, and to know minimally how to separate the chaff from the wheat. For as much as new technologies allow us greater autonomy and access to knowledge, empowering individuals, as never before recorded, they also give voice to ill-prepared and malformed “idiots” who, like us teachers and researchers, also form opinion and influence the production of the culture that builds us.

The university, home for the excellence of knowledge, has much to contribute to the separation of the risk of the spread of common sense with the status of science, which for the epistemological Gaston Bachelard, constitutes the main epistemological obstacle to be surpassed by the scientific sense, because in the words of this thinker, the scientific sense is built against the common sense.

This is our role and our *métier*, to equip students and society as a whole, to better deal with the challenges and possibilities of these new liquid times and perhaps even for a fuller exercise of citizenship, through a critical, supportive posture and responsible for the *commons*.

Prof. Dr. Honor de Almeida Neto
Sociologist